



Rev. Bras. de Hipnose 2018; 29(1): 12-20

ISSN 1516-232X

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH

---

*Revista  
Brasileira de  
Hipnose*

---

www.revistabrasileiradehipnose.com.br

## O Acolhimento da Espiritualidade na Psicologia Clínica por meio da Hipnose

*The Host of Spirituality in Clinical Psychology through Hypnosis*

João Antonio de Assis Malmann, MSc, Maurício da Silva Neubern, PhD

*Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia,  
Universidade de Brasília – UNB, Brasília, Brasil*

---

### Resumo.

Este artigo discute o acolhimento da espiritualidade na psicologia clínica por meio da hipnose, na condição de um dispositivo de mediação entre saberes. Promove-se inicialmente uma reflexão sobre a clínica, demarcando-a como espaço de cuidado e de pesquisa, e a importância do exercício de análise do terapeuta em relação à espiritualidade e suas demandas particulares. Mostra-se, então, como a hipnose desenvolvida por Milton Erickson constrói um contexto terapêutico de diálogo e colaboração com a dimensão espiritual. Segue-se apontando a hipnose como dispositivo técnico do campo científico que permite a mediação entre a psicologia clínica e a espiritualidade, dando condições de acolher essa dimensão e qualificá-la no processo terapêutico. Conclui-se que os paralelos traçados entre a hipnose e o olhar para a espiritualidade permitem estabelecer um caminho possível para uma abordagem clínica de acolhimento.

*Palavras-chave.* Hipnose, Espiritualidade, Psicologia Clínica, Acolhimento.

---

### Abstract.

This article discusses the reception of spirituality in clinical psychology through hypnosis, in the condition of a device of mediation between knowledge. Initially, a reflection on the clinic is initiated, demarcating it as a place of care and research, and the importance of the therapist's analysis exercise in relation to spirituality and its particular demands. It is shown, then, how the hypnosis developed by Milton Erickson constructs a therapeutic context of dialogue and collaboration with the spiritual dimension. It follows that hypnosis is a technical device of the scientific field that allows the mediation between clinical psychology and spirituality, giving conditions to receive this dimension and qualify it in the therapeutic process. It is concluded that the parallels drawn between hypnosis and the look at spirituality allow us to establish a possible path for a clinical approach to the reception.

*Keywords.* Hypnosis, Spirituality, Clinical Psychology, Host.

---

## 1. Introdução.

Este artigo tem como objetivo discutir o acolhimento da espiritualidade na psicologia compreendendo a hipnose como um dispositivo de mediação entre a psicologia clínica e a espiritualidade. Ressalta-se a especificidade da hipnose para o acolhimento, abordando-a como dispositivo técnico do campo psicológico, dando condições de acolher essa dimensão e qualificá-la legitimamente no processo terapêutico<sup>1</sup>. A discussão promove inicialmente uma reflexão sobre a clínica,

demarcando esse campo como um espaço de cuidado e também de pesquisa. Essa característica imprime sobre a clínica uma atitude de mobilização para o cuidado e para o desenvolvimento de abordagens para a promoção de mudanças terapêuticas.

A mobilização necessária para o acolhimento não se limita apenas a questões teóricas ou técnicas, pressupõe atitudes que perpassam o/a terapeuta em sua subjetividade. Desenvolve-se essa ideia abordando a necessidade de reflexão do/a terapeuta com relação às suas próprias demandas ligadas ao tema. Essa é uma condição para que ele/ela se permita tocar pelo outro, para se abrir à diversidade e complexidade dessa experiência. A partir daí, o/a psicólogo/ psicóloga pode, então, permitir e criar um caminho possível para um legítimo acolhimento. Isso porque a dimensão ética da relação terapêutica é uma das questões principais para o acolhimento.<sup>1</sup>

Na condição de saber representante do campo científico, a hipnose, cujo modelo adotado é a hipnose desenvolvida por Milton Hyland Erickson<sup>2,3</sup> atua como um dispositivo metodológico clínico que pode permitir a emergência da realidade espiritual. Erickson foi influenciado pelo estudo de diversos tipos de transe em variados contextos, inclusive o transe mediúnico. O olhar para a experiência subjetiva, considerando a sua singularidade e a valorização da autonomia do sujeito, faz com que a hipnose ericksoniana se articule de maneira a romper com a supremacia do discurso científico sobre a experiência individual estabelecendo um espaço democrático de saberes.

A relação terapêutica e as técnicas hipnóticas constituem elementos importantes para o transe terapêutico. Este adquire um papel central nessa discussão por ser qualificado como um elemento que estabelece aproximações com estados de transe vividos em contextos espirituais. A hipnose, usada como um método de estudo, pode estabelecer a mediação entre o saber psicológico e a espiritualidade de forma que possibilite um diálogo aberto considerando as exigências próprias da realidade espiritual.

## **2. Acolhimento e espiritualidade.**

Um dos principais problemas que podem surgir na prática da psicoterapia quando se defronta com demandas que envolvem espiritualidade é saber acolher essa dimensão, reconhecendo-a como própria do sujeito e legitimando-a no contexto terapêutico. Isso se deve, em grande parte, à tendência dominante da manutenção do divórcio entre as questões da espiritualidade e o campo científico que se estende à clínica. A complexidade desse acolhimento se situa entre questões epistemológicas, teóricas e metodológicas, além de perpassar a subjetividade do psicólogo em relação às suas próprias questões relacionadas à espiritualidade e de sua visão ontológica<sup>1,4</sup>.

Essa perspectiva é entendida como uma condição necessária para o desenvolvimento de uma aproximação da espiritualidade que a inclua efetivamente no contexto clínico. São questões que perpassam o universo do psicólogo e do paciente, e permitem o desenvolvimento de condições para o engajamento relacional, assim como para o desenvolvimento de um pensamento teórico que permita o diálogo entre os distintos mundos<sup>4</sup>.

O problema que daqui emerge é o desenvolvimento de um aporte teórico e metodológico que possibilite construir um saber mediado pela hipnose que permita estabelecer a relação entre os mundos envolvidos no espaço clínico. Nesse caso, a clínica é compreendida como uma cosmovisão do espaço relacional que envolve o cuidado. Ela não se restringe ao âmbito do consultório, desenvolvendo-se em um campo mais aberto de práticas terapêuticas. Destaca-se aqui a noção de clínica como um espaço também de produção de conhecimento, tendo em vista a ideia de *klynos*, do debruçar-se ao pé do leito, desenvolvendo métodos e teorias pelas quais seja possível alcançar modelos mais sensíveis de cuidado especializado e desenvolvido para as particularidades do caso a partir da relação.<sup>5</sup>

Essa noção também demarca um posicionamento epistemológico de não domínio da produção de sentido dentro do contexto relacional, permitindo que o espaço clínico institucionalizado esteja aberto à construção, não possuindo a certeza e a resposta das questões vividas por aquele que procura ajuda. Assim, a demanda é considerada a *démarche* clínica, da qual parte a mobilização do psicólogo e que, conforme apresenta suas exigências, sugere elementos teóricos, conceituais e metodológicos para lidar com o problema em questão.

O modelo de abordagem clínica apresentado ressalta o papel importante do psicólogo como uma peça fundamental desse contexto por se dispor a conhecer e compreender a realidade do outro. Para isso, o posicionamento deve garantir que seus pressupostos não se sobreponham à expressão da realidade vivida pelo paciente. E nesse caso, o permitir tocar-se pelo outro pressupõe também que o terapeuta se questione sobre suas referências relativas à espiritualidade e, principalmente, refletindo num encontro consigo mesmo em termos espirituais, que se refere a seu *ethos*<sup>(\*1)</sup>. Independentemente de religiões formais, arriscar-se no desafio dessa busca pode permitir ao psicólogo ter a sensibilidade necessária para compreender a experiência religiosa do outro entendendo não só a importância que ela tem para a vida do paciente, mas também como ela faz parte de sua vida.<sup>4,6</sup>

Torna-se pertinente que o psicólogo tenha possibilidade de compreender a articulação complexa da espiritualidade no mundo do sujeito, e como essa dimensão pode ter estreita relação com seus processos subjetivos. Nesse sentido é que a noção de *klynos* possui relevante importância metodológica e ética. A mobilização do psicólogo em “debruçar-se ao pé do leito” se refere tanto ao desenvolvimento de métodos e estratégias que visam mudanças terapêuticas, quanto à sua abertura ao universo do outro, deixando-se tocar pela sua singularidade e pelos seus processos vividos.

Pode-se notar que essa noção está em consonância com a abordagem terapêutica da hipnose<sup>2,3</sup>. Por considerar a singularidade da experiência do sujeito e das formas pelas quais o sujeito desenvolve o transe, o hipnoterapeuta se mobiliza no sentido de buscar compreender o processo de vida do paciente a partir de suas próprias referências e com isso desenvolver métodos para o curso terapêutico que sejam condizentes com a realidade do sujeito. O hipnoterapeuta deve estar aberto e sensível às especificidades do mundo do paciente, permitindo se deixar tocar pela riqueza e complexidade de suas experiências. Esse movimento possibilita que ele encontre estratégias para buscar recursos terapêuticos, conforme o paciente vai se aprofundando em sua experiência num processo de influência mútua.

Acolher a espiritualidade do outro exige, contudo, uma abertura real para a complexidade de sua experiência. Adentrar o universo do outro implica na permissão e no reconhecimento de sua espiritualidade sem a desqualificação imposta por um modelo teórico ou pela simples negação dessa realidade, de maneira que o sujeito não se veja em posição de julgamento pelo psicólogo.

Muito comuns são os questionamentos de pacientes que se dirigem a consultórios psicológicos procurando saber antecipadamente se o profissional possui alguma crença religiosa. Também é muito comum que alguns pacientes façam essa busca após ter contato com profissionais que não souberam compreender a complexidade desse tema e até mesmo o tenha rejeitado<sup>4</sup>. A reação de reprovação por parte do terapeuta pode promover forte sentimento de desesperança, inculcando o ressentimento e comprometendo seriamente a relação terapêutica.

Questionamentos como o de Amália, dessa forma, se tornam desafiadores e, ao mesmo, tempo nos apontam obrigações para pensar a alteridade dentro da responsabilidade que exige a prática da psicologia:

---

(\*1) A palavra *ethos*, de origem grega, refere-se a *habitat*, e aqui é concebido como o lugar existencial do sujeito, o lugar ao qual ele pertence e se constitui. É o lugar onde se sente bem consigo<sup>4,7</sup>.

*O senhor acredita em mim? Acredita nas coisas que acontecem comigo? Eu falo com espíritos, vejo gente morta... meu avô, por exemplo, vive aparecendo pra mim, conversa comigo... e gostaria de saber se o senhor acredita nisso, pois sem isso será difícil trabalharmos.*<sup>4</sup>

O *sim* que pode surgir a partir daqui, por parte do psicólogo, não advém de um universo vazio e desabitado por completo. As vozes que habitam seu mundo subjetivo são a matéria-prima básica para o contato, o vínculo e a manutenção das condições de diálogo, tal como propõe a reflexão do círculo hermenêutico<sup>8</sup>. A subjetividade do terapeuta, dessa forma, adquire valor de importante elemento clínico para o processo terapêutico, sendo necessário que possa adentrar o campo relacional de forma a romper com a hierarquia comumente imposta pela racionalidade moderna.

A reflexão necessária à aceitação do trabalho com a espiritualidade envolve o exercício de análise do terapeuta em relação à espiritualidade e de suas demandas particulares. Não obstante, é imperativo que haja uma mobilização de sua parte que faça com que se disponha a sair de seu nicho profissional, cultural e procure permitir deixar-se tocar pela experiência do outro, aventurando-se por esse universo. A mobilização interna deve permitir a ele abrir-se para a diversidade e complexidade do fenômeno que se apresenta, buscando maior compreensão.

Isso se constitui em um dos princípios mais importantes para a clínica, envolvendo a necessidade de refletir sobre o processo de conhecimento e o papel ético do profissional na relação humana<sup>4</sup>. Arvorar-se no presunçoso movimento de racionalidade em que se concebe um conhecimento único e real do mundo é mover-se no pedantismo de querer que suas afirmações não sejam contestadas – já que elas sofrem brutal abalo nesse campo – e defender-se da impossibilidade de poder oferecer qualquer tipo de ajuda que vá além de estratégias desqualificadoras ou de colonização.

Interessante notar que a mobilização do psicólogo em buscar maior envolvimento com o campo estudado procurando gerar possibilidades e desenvolver modelos teóricos mais apropriados e sensíveis, e com isso aprofundar-se no conhecimento, está alinhada à própria noção de ciência<sup>9</sup>. A atitude clínica não deve se restringir à aplicação de técnicas ou a leitura a partir de teorias consagradas, como se fossem definitivas. Deve se abrir ao novo e desafiar suas próprias bases, permitindo a renovação e reformulação de ideias, além da sensibilidade para estar junto ao outro em posição de ajudá-lo.

### **3. Milton Erickson e a Hipnose Frente à Espiritualidade.**

Se por um lado tem-se a visão mais restritiva no campo da psicoterapia, que observa pela ótica da psicopatologia ou pelo reducionismo colonialista, por outro, há trabalhos como o de Milton H. Erickson<sup>10</sup> que permitem o acolhimento e o desenvolvem em um contexto terapêutico condizente com as exigências necessárias para tratar do tema. A hipnose de Erickson<sup>3</sup> tem importância significativa para esta discussão, pois seu trabalho traz uma ruptura com a lógica moderna de explicação e apresenta, com ênfase descritiva, um caminho possível para a psicoterapia compreendida no processo relacional, sem o intuito de redução e tradução em que o conhecimento do terapeuta tenha pretensão de revelar a realidade.

Nessa perspectiva, o caráter descritivo com que apresentava suas intervenções permite que se possa compreender a forma pela qual ele construía o contexto terapêutico como um espaço vivencial<sup>11</sup>. Enquanto as perspectivas tradicionais se colocam em posição de explicação de processos subjetivos – dos quais pouco se pode afirmar, Erickson<sup>2</sup> procura estabelecer uma relação deliberada de influência no sentido de cooperação, que conduz o sujeito a profundos transes terapêuticos.

O caráter do trabalho de Erickson se consolida numa postura que está mais ligada ao *mostrar*<sup>11</sup> do que o estabelecer explicações que poderiam se tornar demasiadamente inconsistentes, dadas as

limitações de se determinar objetivamente sobre a realidade ontológica do outro. Assim, Erickson não se pronuncia ontologicamente sobre a espiritualidade no sentido de procurar uma tradução para o fenômeno, contudo, estabelece um processo de influência mútua, no qual ele se deixa sensibilizar pelo que o paciente traz e sugere caminhos para a colaboração da espiritualidade que ali se manifesta.

No desenvolvimento de uma aproximação para intervenções em casos de múltiplas personalidades, Erickson foi influenciado pelo estudo de diversos tipos de transe em variados contextos, incluindo o transe mediúnico<sup>12</sup>. Sua observação coloca em proximidade as manifestações de personalidades múltiplas com os transe mediúnicos em que são corporificados, por meio da figura do médium, seres do mundo espiritual. Ele não considerava os comportamentos como patológicos, mas observava a peculiaridade dos fenômenos e procurava desenvolver formas possíveis para inclusão no processo terapêutico<sup>14-16</sup>.

Sua observação era acurada e ele não via diversas personalidades, como outros teóricos, mas sim uma dominante e uma secundária, que eram separadas, distintas e independentes uma da outra. Ele compreendia que a dominante estava mais diretamente relacionada à realidade e a outra estaria mais vinculada ao pensamento intelectual e às emoções. A gênese do desenvolvimento das personalidades não é vista por Erickson associada a episódios de abuso. Ele também não considerava a existência de uma personalidade má ou perversa.<sup>13,14</sup>

Erickson não acreditava também que a meta do trabalho terapêutico era a reintegração das personalidades<sup>12</sup>. A hipnose não poderia criar personalidades por meio da influência e não deveria reintegrá-las de forma que o processo se esgotasse. Seu ponto principal se mostra na utilização das personalidades e de todo o seu conteúdo, conhecimentos e habilidades como recursos para o processo da terapia, viabilizando possibilidades de mudança. O trabalho era conduzido no sentido de fazer a identificação para estabelecer contato e conduzir o processo de colaboração.

Na hipnose, enquanto dispositivo que permite a mediação entre os saberes do campo científico e espiritual, os procedimentos apontados no trabalho de Erickson nos mostram aspectos de extrema importância para a temática aqui discutida. Identificação, contato e colaboração entram como elementos da proposta terapêutica, pois, além de permitir a abertura para a espiritualidade, permite que o hipnoterapeuta coloque o que é trazido pelo paciente em termos de sua vivência da espiritualidade, em consonância com a terapia.

De certa maneira, o uso do termo “múltiplas personalidades” poderia colocar Erickson em condição de ser considerado colonialista, pois não mapeia os dispositivos culturais do sujeito. Entretanto, seu posicionamento abre um campo de negociação dentro do processo terapêutico que permite romper com a lógica moderna. Nesse sentido, dispor-se ao contato com o paciente e com seu mundo é percebê-lo em sua complexidade e permitir ser tocado por ele. O hipnoterapeuta, dessa maneira, tem condições de desenvolver métodos e estratégias mais particulares para lidar com a singularidade do paciente. Conforme as facetas de sua complexidade se expressam no espaço terapêutico, mais é possível aumentar a sensibilidade do modelo teórico-metodológico que o terapeuta utiliza, favorecendo o processo de influência.

Em vez de banir as personalidades ou procurar priorizar a comunicação com uma delas, a postura de Erickson era a aceitação de todas as manifestações viabilizando a comunicação com todos os seres ou personalidades de maneira a não distinguir ou estabelecer *status* de verdade para uma em detrimento da outra<sup>12</sup>. As sugestões eram feitas com o intuito de levar as manifestações adiante em suas capacidades de expressão, falando ou escrevendo. Ele explorava o campo semântico das palavras e as sugestões diretas ou indiretas para convocar as personalidades. De acordo com Richeport<sup>12</sup>, para Erickson o transe mediúnico e a hipnose podem ser analisados de maneira análoga em termos de processo, porém, são compreendidos de formas diferentes.

Erickson<sup>2,13,15</sup> se considerava um a-teórico, e esse posicionamento tem importância significativa para essa discussão, pois justamente não se pronunciando sobre a realidade ontológica do

outro é que ele permite que a teoria não colonize. Assim, ele desenvolve a abertura para a interação favorecendo que o transe possa atuar como um dispositivo que permita a emergência da realidade espiritual do outro. Alia-se a isso, a disposição e o refinamento de um pensamento clínico que dê condições para se avançar sobre aspectos arraigados no pensamento moderno tradicional como a tradução da experiência ou o reducionismo. Sua condição de a-teórico não se refere a isenção ou despojamento de teorias, mas sim que a teoria não encerra a experiência de singularidade do paciente. A teoria não deve estar no processo terapêutico como filtro ou uma condição prévia para a aproximação do terapeuta à demanda terapêutica.

A psicoterapia deve ser construída como um espaço que priorize o acolhimento total da pessoa, levando seriamente em consideração a realidade de seu mundo, aquilo que ela traz como material clínico para o espaço terapêutico. Obviamente a atenção à singularidade da produção de sentidos<sup>17</sup> deve ocupar o lugar de grande importância no espaço clínico, entretanto, a supervalorização de categorias como o sentido ou dos aspectos simbólicos não deve ser sobreposta aos demais aspectos que envolvem todo o maquinário da qual a realidade emerge. A psicoterapia não deve reduzir um ser do mundo espiritual a um mero símbolo, tampouco traduzi-lo a leituras que o destituam da organização da qual emerge em termos arquetípicos.

Colocar-se diante da espiritualidade do outro exige também que o terapeuta faça uma reflexão acerca de seu posicionamento como terapeuta e pesquisador. Tanto no sentido de admitir que aquela realidade possa apresentar exigências que o provocarão na direção de prosseguir e criar um espaço possível para dialogar com os fenômenos advindos dessa realidade ou recuar quanto olhar para as suas próprias disposições subjetivas no que se refere à espiritualidade, com o intuito de estabelecer uma relação clínica com o paciente.

Um aspecto importante que cabe ser ressaltado sobre os trabalhos e os casos apresentados é que a disposição dos terapeutas com relação à realidade do outro não é de controle, mas sim de negociação<sup>12,18</sup>. Efetivamente não é possível explicar a realidade do outro, entretanto, possibilitar a sua expressão evitando o controle permite com que seja possível entender sua lógica, suas regras, intenções, visões de mundo. Assim, para conhecer a realidade do outro é necessário que se estabeleça um diálogo democrático entre os saberes em que seja possível trazer a fundo as explicações e demonstrações advindas desse saber, compreender os seus maquinários e dispositivos.

Dessa maneira, a investigação e a permissão da entrada dos saberes daquele que está inserido em um dado contexto espiritual demarcam também uma condição técnica para o acolhimento da espiritualidade no campo da hipnoterapia. Acolher também diz respeito ao manejo técnico dos conteúdos clínicos ligados a questões espirituais que adentram o espaço relacional na hipnoterapia. Além de apresentar o transe como um elemento de abertura a saberes espirituais, o processo relacional de influência dentro da hipnose é de extrema importância tanto para a construção favorável para o acolhimento quanto para inserir a espiritualidade no processo de ajuda e mudança.

#### **4. A hipnose como Dispositivo de Mediação entre Saberes.**

O transe hipnótico permite que o sujeito vivencie um processo íntimo de profundo contato com sua subjetividade, abrindo seu universo de referências habituais na relação *eu-mundo* para acessar experiências que podem ser tanto individuais como coletivas<sup>11</sup>. Em transe, o sujeito que vive a espiritualidade pode permitir a emergência de saberes do mundo espiritual por meio da relação com os seres que habitam esse uni-verso<sup>16</sup>, ainda que não se possa dizer com profundidade como isso ocorre. Entretanto, por meio de uma negociação<sup>12,18</sup> é possível entrar em relação e estabelecer a mediação entre os saberes.

Os seres dos quais se fala podem ser espíritos, entidades, santos, deuses, dentre outros. São entes que habitam o universo *sagrado*<sup>17</sup> que são legitimados pelo maquinário cultural do qual fazem parte. Eles não respondem aos dispositivos da ciência moderna, tal como um átomo de carbono, mas existem a partir dos dispositivos técnicos, das maneiras de interpelar o mundo<sup>11,19</sup>. Entender que as pessoas vivem a espiritualidade em seu cotidiano e que podem trazer consigo essas questões para o espaço da psicoterapia em nada se aproxima de um propósito como o da parapsicologia, tanto por seus objetivos quanto pela orientação epis-temológica.<sup>20</sup>

Esses seres não respondem aos dispositivos do saber científico, e dessa forma, devem ser respeitados em suas respectivas organizações conceituais que proporcionam relações específicas com o mundo<sup>11</sup>. Assim, a questão da espiritualidade em face à psicoterapia tem na hipnose elemento possível para a discussão, sem a pretensão de revelar ou explicar a espiritualidade em termos modernos, mas com ela dialogar e gerar possibilidades dentro do campo da psicologia clínica.

A hipnose, por ser uma abordagem técnica científica constituída num espaço relacional que permite o desenvolvimento de métodos especificamente elaborados para lidar com a singularidade das demandas apresentadas<sup>2,3</sup>, oferece recursos para a interlocução e interação com situações que envolvem a espiritualidade. O transe, aspecto constitutivo da hipnose, pode ser considerado um elemento técnico que permite a alteração parcial e temporária das referências habituais do sujeito em sua relação *eu-mundo*. Além de ser um recurso para o processo terapêutico é um dispositivo que possibilita a emergência de saberes e universos espirituais.<sup>11,20</sup>

Para a discussão aqui apresentada, prioriza-se a hipnose em seu aspecto de mediação entre a psicologia e a espiritualidade, compreendendo que esta pode atuar como uma técnica de estudo que permite a emergência e a interação com o universo espiritual<sup>1,6</sup>. Nesse sentido, o transe hipnótico tem papel de destaque, pois, por meio do transe, o sujeito pode fazer presentes saberes coletivos ligados à espiritualidade. A hipnose é localizada como um saber do campo científico em que o transe adquire propriedades de dispositivo de emergência de realidades dentro do contrato relacional, que propicia a interação e a mediação entre os saberes.

A pessoa que traz as suas demandas para o campo psicoterapêutico, em transe, pode levar ao espaço relacional da terapia saberes que em muitos aspectos o antecedem, envolvendo seres do mundo espiritual, cosmologias, regras de comunicação, tecnologias de cura, tradições, especialistas e objetos. Assim, o engajamento do hipnoterapeuta em se inserir no universo do paciente, ocupando-se em compreender como um guia espiritual ganha vida a partir de sua articulação e organicidade dentro do sistema cultural do qual faz parte, é condição para criar um espaço de negociação e contrato.<sup>17,20</sup>

Dessa forma, os papéis ocupados pelos personagens vão sendo traçados visando à construção de um espaço favorável à livre expressão do sujeito e à sua criatividade no processo<sup>2,4,11</sup>. Além disso, a construção do contexto favorável à singularidade do sujeito, dirigido a ele dentro e fora do transe, assim como aos seres que habitam seu mundo promove grande vínculo entre os personagens desse espaço terapêutico. Como resultado disso, o contexto hipnótico avança, desenvolvendo-se em uma forma refinada de terapia à medida que o universo espiritual apresenta, com mais expressividade, seus saberes ao terapeuta, demarcando a sua complexa organização e o modo como se integra à vida do sujeito<sup>1</sup>.

Por meio dessa perspectiva, no alinhamento das atitudes do psicólogo à proposta de acolhimento, a relação terapêutica constitui-se em uma ferramenta poderosa de influência hipnótica<sup>4</sup>. Nesse sentido, a hipnose é trazida para a prática clínica e de pesquisa como um conjunto de procedimentos técnicos e conceituais que permitem o diálogo e promovam a mediação entre distintos saberes.

O terapeuta segue com um papel importante no sentido de criar contextos favoráveis à participação e à condução de possibilidades para que o espaço vivencial da terapia não seja sim-

plificado pelo simples fornecimento de respostas, mas que permita criação sobre as demandas clínicas. À medida que ele procura se inteirar mais profundamente no universo do outro, procurando compreender sua organização e gerar estratégias para lidar com as situações que são apresentadas, mais esse universo pode encontrar espaço para apresentar suas nuances e a complexidade de seus saberes. Assim, as intenções de cada saber vão se tornando mais claras conforme se avança no processo de mediação.

## 5. Considerações Finais.

A relação terapêutica se caracteriza por um processo de influência recíproca em que é possível se constituírem os papéis nos quais os protagonistas se baseiam para poder desempenhar suas ações, utilizar seus dispositivos técnicos e, dentro de regras que vão se tornando mais claras e consistentes, expressar seus pensamentos. Tanto a dimensão ética quanto a técnica são resguardadas nessa relação que se apresenta quase como uma coreografia, em que o jogo intersubjetivo se faz presente com finalidade de produzir alternativas para lidar com as demandas do paciente.

A hipnose configura-se, portanto, como dispositivo de mediação entre a psicologia clínica e a espiritualidade, mas também como elemento de reflexão sobre a prática clínica e científica<sup>1,4,11,18</sup>. Este trabalho proporcionou uma discussão sobre uma realidade importante, mas tão marginalizada nas agendas científicas e profissionais. Obviamente essa temática levanta polêmicas em diversos espaços da atividade humana, contudo, estabelecer caminhos possíveis para a discussão é primordial para que o ranço de marginalidade e do obscurantismo seja desfeito.

A dimensão ética é considerada um princípio de grande relevância para o acolhimento da espiritualidade. Aliado a isso, na sequência, a abordagem de Erickson<sup>2,3</sup> é trazida para a discussão apresentando a sua aproximação metodológica no trabalho com as manifestações de personalidades múltiplas (que a psiquiatria denomina de transtorno dissociativo de identidade). Seu trabalho tem especial relevância, por mostrar uma perspectiva distinta da racionalidade moderna e construir um contexto terapêutico de diálogo e colaboração com a dimensão espiritual. Os paralelos traçados entre a hipnose e o olhar para a espiritualidade nos permitem estabelecer um caminho possível para uma abordagem clínica de acolhimento.

### Conflito de Interesse.

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

### Referências.

1. Mallmann JA. Hipnose como dispositivo de mediação entre psicologia e espiritualidade. [Dissertação] Universidade de Brasília, 2014, p. 101.
2. Erickson MH, Rossi E. Hypnotherapy: an exploratory casebook. New York: Irvington, 1979.
3. Erickson MH, Rossi E. The collected papers of Milton H. Erickson, MD. New York: Irvington, 1980.
4. Neubern M. Psicoterapia & Espiritualidade. Belo Horizonte: Diamante, 2013.
5. Lévy A. Ciências clínicas e organizações sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
6. Neubern M. Ensaio sobre a cegueira de Édipo: sobre psicoterapia, política e conhecimento. In A. Holanda (Org.), *O campo das psicoterapias: reflexões atuais*. Curitiba: Juruá, 2012.
7. Figueiredo L. Revisitando as psicologias. Petrópolis: Vozes, 1996.
8. Anderson H, Goolishian H. O cliente é o especialista. Nova Persp. Sistêmica 1993; 3:8-24.
9. Bachelard G. La formation de l'esprit scientifique. Paris: Vrin. (Original publicado em 1938), 2004.
10. Zeig JK. Ericksonian methods: the essence of the story. Routledge, 2013.
11. Neubern M. Hipnose, clínica e cultura. [Apostila de disciplina]. Brasília: UnB, 2014.
12. Richeport M. Erickson's approach to multiple personality: a cross-cultural perspective. In J. Zeig (Ed.), *Ericksonian methods: the essence of the story*. Levinton, PA: Brunner/Mazel, 2004.
13. Erickson MH. The clinical discovery of a dual personality. The collected papers of Milton H. Erickson 1980; 3:261-270.



14. Erickson MH, Rappaport D. Findings on the nature of the personality structures in two different dual personalities by means of projective and psychometric tests. *The collected papers of Milton H. Erickson* 1980; 3:271-286.
15. Erickson MH. Further clinical techniques of hypnosis: utilization techniques. *Am. J. Clin. Hypn.* 1959; 2:3-21.
16. Haley J, Richeport M. *Erickson on multiple personality*. New York: W. W. Norton, 1991.
17. González Rey FL. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007.
18. Nathan T. *Nous ne sommes pas seuls au monde*. Paris: Synthelabo, 2001.
19. Stengers I. *Le laboratoire de l'ethnopsychiatrie*. In T. Nathan, *Nous ne sommes pas seuls au monde*. Paris: Synthelabo, 2001.
20. Akstein, D. *Hipnotismo: seus aspectos médico-legais, morais e religiosos*. Rio de Janeiro: Hypnos, 1960.